

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: Maria Luiza Labamca Passarelli, Miguel Cassalho Passini Moreno, Vitor Menezes Barbosa Sendrete

Entrevistados: Jefferson Ferreira Costa, Rafael de Oliveira

Data: 9 de junho de 2023

Duração: 1 hora 41 minutos 54 segundos

Local: Av. São João - São Paulo, SP

Vitor: É, só pra falar, a gente precisa só do consentimento de vocês pro uso de imagem e áudio. Então, vocês consentem do uso?

Rafael/Jefferson: Sim.

Vitor: Sim? Beleza, tá certo. É, então, essa primeira parte é mais tipo pra falar assim sobre vocês dois, tipo o processo, como é que foi a caminhada de vocês no meio dos quadrinhos, no meio artístico, né. É, e é basicamente isso assim, vocês se conhecem- vocês se conheceram já lá na Fábrica de Quadrinhos? Onde, como vocês se conheceram?

Rafael: Aí já era Quanta, né?

Jefferson: Era Quanta já.

Rafael: Já era Quanta em, 2002?

Jefferson: Sou péssimo com...(inaudível)

Rafael: Não, não, foi no meu segundo ano, meu primeiro ano foi de desenho. É, acho que 2002.

Jefferson: Dois ou-

Rafael: Dois ou três, é. Tem uns vinte anos.

Vitor: E já era Quanta?

Rafael: Quanta Academia de Artes, já era. Eu entrei na Fábrica de Quadrinhos em 2001. Estudava desenho, já gostava de quadrinhos já, gostava de ler muita coisa de super-herói, mas a Quanta me mostrou mais tipos de quadrinhos, assim. Conheci *Hellboy* nessa época, não era tão popular, não tinha filme ainda. E eu conheci algumas coisas de quadrinhos porque tinha uma loja chamada Muito Prazer aqui no

Centro de São Paulo assim né, ainda existe Muito Prazer mas lá não é mais nem o mesmo lugar, o dono já faleceu, cara muito simpático e tal. E aí era uma das poucas, na verdade, lojas de quadrinhos que existia, não tinha Ugra ainda, não tinha-

Vitor: A Comix?

Rafael: Eu acho que a Gibiteria não, acho que já existia a Gibiteria, mas eu não conhecia. É, que também não existe mais, virou a loja Monstra, que é no mesmo lugar.

Então eu já lia muito quadrinho e eu entrei na Fábrica de Quadrinhos, que depois virou a Quanta, e fiquei lá quatro anos, quatro anos foi, tipo, minha faculdade foi isso, assim. Não fiz faculdade, minha faculdade foi a Quanta né, foram quatro cursos de ano letivo lá, um de desenho e três de quadrinhos. E aí no segundo- no terceiro, que a gente já não lembra mais direito-

Jefferson: Né, então... eu agora acho que foi três né. Assim, a gente entrou acho que no mesmo ano, 2001.

Rafael: Mas eram turmas diferentes.

Jefferson: Turmas diferentes né, dias, horários diferentes. Só juntou mesmo essa turma, com eu e ele, Tainan...

Rafael: Tainan Rocha.

Jefferson: Só juntou essa turma, essa galera, já no, acho que terceiro ano, e é o primeiro de quadrinhos.

Rafael: Primeiro de quadrinhos.

Jefferson: Eu fiz Desenho 1 e 2, meus primeiros anos foram um e dois de desenho, e aí o terceiro era- então acho que foi três.

Rafael: É, eu fiz um de desenho, o segundo já foi com o Marcelo Ramos, falei com o Marcelo Ramos, e o terceiro. Então foi muito interessante nisso assim, de entender na verdade como fazer quadrinhos, como entender mais de mercado e tudo mais.

E aí a gente fez parceria a primeira vez por causa do fanzine da Quanta, que era o *Ainda?*, que era mais uma brincadeira, o nome era uma brincadeira que o Marcelo Ramos tinha feito que era, que perguntavam pra ele "Pô, ainda cê tá nessa de fazer escola de desenho?" e não sei o que, *Ainda?*. Então era um trocadilho nesse sentido, porque era algo que ele queria, sabe, fomentar novos artistas. Porque quando a gente entrou tinha alguns artistas que desenhavam pra fora, não tinha um

mercado muito grande- ainda não existe um mercado de quadrinhos né, existe uma cena, não é um mercado especificamente. Mas o que tinha muito era desenhar para os Estados Unidos, desenhar super-herói. Então ele tinha desenhado pra fora, o Roger Cruz, o Octavio Cariello também já desenhou pra fora. Então tinha essa galera, que eram professores, sócios da Quanta, mas ele queria mais do que isso, então na verdade não tinha muita coisa, tinha a Devir, que lançava quadrinho nacional na época, mas não era muito, não era muita coisa. E aí a nossa primeira parceria foi uma história que era de duas páginas na época, que chama *A Espera*, saiu pela Conrad.

Miguel: É o final desse livro, né?

Rafael: É, essa história que está no fim, de *Feliz Aniversário*, *Feliz Obituário*, que foi a colaboração seguinte, que saiu numa coletânea chamada *Front*, em 2005, mas a gente já tinha feito antes essa história, e a gente mandou pra seleção. Muitos artistas participaram da *Front*, muitos artistas estão até hoje, D'Saete, Kitagawa, que também na época já fazia coisas. Então muita gente lançou coisas pela *Front*, foi uma coletânea, como você sabe mensal, trimestral, com um tema a cada edição, e a nossa edição falava de morte. Então a nossa história encerra nessa edição, e foi a primeira vez que eu vi meu trabalho publicado por uma editora. Assim, foi legal porque, pô, bem novo e nunca acontecido isso, mas era aquilo, a gente não ganhou nenhum dinheiro, mandaram um, uma unidade-

Vitor: Nossa!

Rafael: ...do quadrinho pra minha casa, assim, foi isso. É uma coisa muito do começo, e isso existe ainda, só que hoje não é bem assim, hoje tem mais...acho que quem tá fazendo quadrinho hoje tem um pouco mais de consciência de como produzir, e não ser- e não cair também numa coisa de trabalhar de graça pros outros, sabe? Claro que tem gente que é bem picareta, que paga em livro só, que não faz nenhum acervo de conta, e isso é uma pena né, precisa ficar esperto com...

Jefferson: Ou pega o dinheiro de edital.

Rafael: Pega dinheiro de edital, é, tinha uma editora que pega dinheiro de edital.

Vitor: Editora que pega dinheiro de edital?

Rafael: É que na verdade quando você lança por editora você não tem que pagar, sabe, mas tem editora que fala "Ah, paga você, você já tem o dinheiro de edital...", tipo-

Vitor: Que absurdo!

Rafael: Quando você não sabe, você acaba topando, você não sabe como funciona o jogo, né.

Jefferson: Quadrinista, passou no edital, tem um dinheiro pra produção, no final fecha com a editora, e a editora "Não, você tem o dinheiro aí, banca você a tiragem".

Miguel: Ou seja, o artista acaba não ganhando nada praticamente.

Rafael: É. Então é o tipo de coisa que você aprende com o tempo, assim, né. Então é diferente hoje em dia.

Jefferson: A gente começa a história sempre falando desse encontro ali na Quanta, né, que é como a gente falou, que é mais ou menos a idade que ele começou a ir... Mas agora quando ele falou da Muito Prazer, é o quintal dele né-

Rafael: Era aqui perto.

Jefferson: Três quarteirão.

Rafael: Sim, era aqui perto.

Jefferson: Eu morava na Zona Leste, lá em São Miguel. E eu lembro, ainda muito antes dessa época aí de Quanta, com treze, quatorze anos, fazer viagem de sábado, muita gente da Zona Leste fazia isso, pra vir na Galeria do Rock.

Rafael: Era o rolê.

Jefferson: Então, costumava vir de vez em quando, aí conhecia a Muito Prazer também, isso meus treze, quatorze, aí de vez em quando-

Rafael: Você conheceu antes que eu até, apesar de ser perto de casa.

Jefferson: Uma vez a cada três meses, assim, eu aparecia por aqui, na Prazer...

Rafael: É, infelizmente eu não lembro o nome do dono, mas ele era gente boa. Tinha uns *Akiras*, tinha um monte de coisa interessantíssima ali que você não via em banca, porque ele adorava quadrinhos.

Jefferson: Nessa época aí, de treze, quatorze, eu fiz muita oficina cultural, lá na Zona Leste, e aí curioso também de conhecer quadrinista no meio.

Rafael: Que tá até hoje.

Jefferson: João Pinheiro, a gente fez oficina cultural de quadrinhos, ali junto.

Rafael: O Diox, eu fiz *O Fim da Noite* com ele recentemente. Ele já conheceu-nheceu nessas oficinas há muitos anos.

Miguel: E aí, da onde que vocês acham que veio assim, quando que começou a vontade de trabalhar com quadrinhos? De começar mesmo a tentar produzir pra publicar e tudo mais?

Rafael: Puts, cara, eu via muita publicidade no gibi da Abril, de super-herói, da Fábrica de Quadrinhos, sobre estudar desenho, eu já queria estudar desenho e tudo mais, mas só foi possível, financeiramente, quando eu já tava com uns dezessete, assim, de "Ah, tudo bem, você fala sempre de um curso de quadrinhos, vamos- qual que é, que curso é que você viu que é legal?". Mas eu tinha visto, só não tinha achado legal, que também tem no Centro até hoje, que é o Instituto Universal Brasileiro. Eu tinha visto, tinha aulas de desenho e tudo mais, eu até fui lá, (inaudível) com a minha tia ali, olhar o quê que era, mas não era isso, enquanto o da Fábrica era muito sobre quadrinhos mesmo, todas as pessoas desenhavam super-herói, então você fala "Caramba, tem uma linguagem que eu acho interessante aqui". Só com dezessete eu consegui fazer.

E aí foi uma mudança de percepção mesmo, de "Nossa, todos esses caras trabalham com quadrinho, eles realmente...Tudo bem, eles fazem uma coisa um pouco mais complexa, que é desenhar pra fora, eles desenhavam super-heróis e tudo mais. Mas é possível". Existe um tipo de mercado e também acabei descobrindo que existe mais do que isso, um mercado de ilustração maior, porque na verdade eu sempre li muito, e eu achava que trabalhar desenhando era ilustrar livros, o que é também, livro didático... Então, pensar, deve existir um mercado em que eu possa trabalhar desenhando, e eventualmente trabalhei desenhando, ilustrando pra jornal, pra revista, muita revista, principalmente, mas também com storyboard de publicidade. Isso eu acabei percebendo com dezessete anos, dezoito anos, que dá pra trabalhar com isso.

Quadrinhos se tornou algo possível com o passar do tempo principalmente com o ProAC, o edital aqui de São Paulo. Isso tornou mais possível, porque você passa no edital, você recebe um valor, que não é muito alto, mas ele é o suficiente pra você pagar a gráfica, que com os anos foi ficando gradativamente mais cara. O papel, eu lembro de- no quadrinho do *Dylan Dog*, que eu também descobri depois, na verdade descobri em banca, um quadrinho italiano que sempre vendeu mais ou menos no Brasil, e ficou mais caro, de uma edição pra outra ficou um pouco mais caro. E tava uma justificativa da editora, sabe, no começo falando "Olha, sinto muito, realmente aumentou o preço, mas é que a gráfica é muito cara, que o papel é muito caro" e tal. E isso hoje eu passo, como profissional dos quadrinhos, porque é isso, se eu vou imprimir um quadrinho, se eu vou pensar dessa forma. Mesmo que não seja um trabalho meu, mas é um trabalho feito por editora, ele vai ficar mais caro com o passar dos anos por causa disso, as novas tiragens vão ser mais caras por causa

da inflação. Foi uma percepção que foi ficando mais completa, mas tudo foi porque eu comecei a estudar quadrinho.

Vitor: Entendi.

Jefferson: Mas, como foi, a vontade, querer, veio desde lá quando encontrei o João, em oficina cultural, fazendo cursos de quadrinhos. Só que, fez o curso, aprendeu como funciona, mas não existia nada, não existia mercado, possibilidade, não existia nada.

E estudava numa escola técnica, aqui no Cambuci, que eu já tava direcionado pra um mercado de trabalho de obra, sabe assim, braçal. Ser eletricitista, ser mecânico. Mas era um curso, uma escola de fundação, minha formação foi pra um lugar que não cruzava com desenho. Desenho era uma vontade mais pessoal. Por não ver essa possibilidade de trabalhar com desenho, eu tava ali focado em ser eletrotécnico e tal. Ainda cheguei, nos meus dezenove...dezoito até vinte e um, a trabalhar nessa área. Trabalhei na Eletropaulo, que hoje é a Enel né, na TAM, manutenção de avião.

Depois que passei por essas parada aí eu fiquei "Caraca, não é isso que eu quero", e foi quando eu vi anúncio da Quanta, num folheto, no fundo de revista ali tem uns anúncios. E só nesse período, depois de estar trabalhando nessa área que tinha uma condição de poder pagar o curso. E aí foi nessa, trabalhando, acho que a última (inaudível) pra Eletropaulo eu trabalhava a noite, tipo madrugada assim, e casava com o curso em outro horário. Trabalhar nessas áreas que me possibilitou, mas quando eu entrei, falei assim "Cara, tô pagando o curso, não é mais como oficina cultural, conhecendo e tal, se eu tô pagando agora eu quero ver algo disso". Então, eu entrei na Quanta, Fábrica ainda, era seguindo só mesmo pra...

Vitor: Trabalhar.

Jefferson: Virar profissional. Porque a gente fala assim, a diferença de idade era pouca, três, quatro anos, mas...

Rafael: Mas eu não tava com esse foco, esse sangue no olho na época.

Jefferson: Eu parecia um idoso perto da molecada.

Rafael: Ele ficava muito quieto, ele ficava- É que ele é mais quieto mesmo, mas ele tava muito mais focado, enquanto a gente tava, acho que era um pouco mais novo só, mas muito mais empolgado de estar falando de quadrinhos e encontrando pessoas com os mesmos gostos. Porque quando você tem uma nerdice, e você não consegue ter ninguém pra trocar uma ideia sobre a sua nerdice, você fica muito feliz quando você entra num lugar em que todo mundo conhece as referências e você troca referência, descobre coisas novas. Então, tava muito mais...A minha jornada foi muito mais interna, assim, de "Ah, escrever é o meu lance" (inaudível), porque na

verdade meu desenho era muito, às vezes tentando emular quadrinista gringo, principalmente o Mark Bagley, na época era- sou pirado em *Homem-Aranha*, e aí ele desenhou por muitos anos o *Homem-Aranha*, então eu achava o traço dele muito legal.

Jefferson: Tem um desenho ruim.

Rafael: Olha, não acho ruim. Eu já não acho tão bom enquanto eu achava na época, realmente, mas não acho ruim até hoje...

Em todo caso, foi mais um lance de "Nossa, a escrita é algo que é importante pra mim", então foi um- tanto que tem gente que nem sabe que eu desenho hoje. Sabe, porque... dá trabalho. Escrever eu acho que eu consigo fazer algo que preenche a mais, eu acho. Mas eu amo desenhar, gosto muito de desenhar ainda, mas dá muito trabalho, então...

Eu gosto de fazer parceira porque também, se eu tenho a sorte de ter um parceiro incrível que nem o Jeff assim, completa. Ele tem uma narrativa melhor que a minha, sabe, ele tem referências diferentes, e isso completa no que eu quero passar. E fora coisas que também, a gente acredita de forma parecida, pontos de vista sobre o mundo, sobre a vida e o objetivo das histórias, então isso também acaba sendo importante.

Mas é isso, realmente, tava mais, dezessete, dezoito anos e tal, curtindo muito isso, pensando "Ah, vamos ver o que acontece". Ele começou a trabalhar antes na Abril também, desenhando...Depois eu fui começar até pelo contato-

Jefferson: Os mesmos contatos.

Rafael: Os mesmos contatos é, você começou a desenhar pra Abril antes.

Jefferson: Fazia ilustração pra livro, revista semanal, *Quatro Rodas*...

Vitor: E como é que foi essa parte de tipo, desenvolver a dinâmica da dupla? Porque assim, já trabalhei, fiz *collab* com outros artistas, tanto na parte de, eu roteirizar e desenhar, a outra pessoa desenhar, enfim. É, teve um...como que eu posso dizer- Algum tempo que vocês perceberam "Ah, isso aqui não funciona, vamos mudar o jeito de trabalhar" ou "A forma como escrevo o roteiro vai ter que mudar" ou tipo "Eu vou ter que adaptar de alguma forma", ou já encaixou assim já de cara, vocês diriam?

Jefferson: Então, assim, porque a gente-

Rafael: Não lembro de ter nada nesse sentido.

Jefferson: A gente teve essas duas primeiras histórias, ainda como alunos lá-

Rafael: E a gente era muito novo, também-

Jefferson: Passa por esse lugar mesmo *collab*, como você falou, a gente trocava o roteiro assim (gesticula), entre a turma, "Faz o meu".

Rafael: É, a gente conversava...E assim, entre isso aqui (indica *Feliz Aniversário*, *Feliz Obituário*) e *Jeremias* foram treze anos, sabe, entre uma história e outra, então cada um foi fazendo outras coisas. A gente até queria fazer quadrinhos antes juntos, mas o Jefferson também começou a trabalhar bastante com outras coisas e quadrinhos que ocupa um pouco mais de tempo do que ilustrações pra-

Jefferson: Era mais com animação.

Rafael: E também trabalhar com animação... Então na verdade, primeiro não teve-

Jefferson: Quando a gente se reencontrou pra fazer *Jeremias*, já tava...era outra pegada, de parceria assim...

Rafael: O olhar dos dois tava diferente, sobre como fazer as coisas, como trabalhar...

Jefferson: Tava nesse tom de *collab* experimentando, todos experimentando, e vamos trocar ideia... Não, ali a gente fez e ficou esses treze anos aí no...

Rafael: A gente sempre conversou sobre as coisas ao longo desses anos, não-

Jefferson: Mas trabalhar junto, não.

Rafael: Não, teve mais isso não, é. Mas não teve muito isso assim, foi mais orgânico que isso, na verdade. Acho que pelo fato de a gente já se conhecer há muitos anos, ter continuado próximos né, trocando ideia sobre as coisas muitos anos... O Jefferson, a gente já tinha feito alguns quadrinhos, vários quadrinhos antes assim, justamente em parceria, mas o ponto que eu acho que flui, e parando para pensar em retrospecto, é que tinha muito diálogo. Não dava o roteiro e "Faz do meu jeito", a gente conversa né. Então é importante isso.

Jefferson: Eu acho que nisso passa, como nesse sentido eu passei- eu produzi mais quadrinhos nesse hiato...

Rafael: Sim, bem mais.

Jefferson: E muito mais parcerias, outras duplas nada a ver, tipo sei lá, uns dez quadrinhos nesse período, um por ano e cada um com-

Rafael: É verdade.

Jefferson: Só repeti um nesse período.

Rafael: Sim, sim.

Jefferson: Eu acho que mais o meu jeito de lidar com várias parcerias que foi se afinando pra chegar nessa hora de já saber, "É por aqui".

Rafael: É, ele já tava acostumado, então no fundo é isso, o roteiro conversado... e são pontos muito específicos, sempre comento que são "Vai lá", escrevo o roteiro inteiro, mostro pro Jefferson e ele tem pontos específicos que geralmente têm a ver com o diálogo. Tem algo- e é um bate-bola, "Acho que dava pra...". E aconteceu isso no *Jeremias*, "Se você...Eu entendi o que você quis dizer nessa fala, mas essa fala é muito importante, e se correr o risco de ser mal compreendido, porque eu entendi o que você quis dizer, mas e se... entenderem dessa outra forma?", "Pô, aí não é legal, não é isso que eu quero dizer...". E principalmente com *Jeremias*, né.

Jefferson: É mais complicado.

Rafael: A gente tem uma- não é só que ele é um personagem grande, assim, ele é um personagem maior agora, ele era um personagem que ninguém conhecia. Mas ele é um personagem da *Turma da Mônica*, então ele chega mais fácil nas pessoas por causa disso, e a gente tá falando sobre racismo na infância, através do estúdio Maurício de Souza. A responsabilidade não só existe por causa disso, a gente já traz essa responsabilidade em nosso trabalho, como a gente encara a vida, como a gente encara contar histórias, tem uma responsabilidade nisso, mas ele vai chegar em mais gente e com o passar do tempo a gente viu que chegou nas pessoas de uma forma muito forte, com um carinho muito grande.

A responsabilidade, "A gente não pode errar com o Jeremias", vai continuar pra sempre assim, o personagem que a gente ama e que é o avatar dos meninos que nós fomos. E a gente tá querendo representar também crianças negras e adultos, na pele dos pais dele, dos avós, a gente tá querendo representar pessoas negras num geral e geracionalmente. Então a gente tem uma preocupação muito pessoal na hora de contar histórias com ele. Então o Jefferson pegou, acho que sei lá, uma fala, e vai sair o 3 agora né, no segundo semestre, então acho que é uma fala em específico em cada livro, não que você não tenha comentado outras coisas, mas a fala que foi o que eu tive que parar e "Não, deixa eu voltar e mudar essa fala", realmente, repensar essa fala, com mais ou menos complexidade, pra ficar mais direto. Para não ter nenhum tipo de mal-entendido, sabe, sobre o que que o personagem quis dizer, porque isso não é só um trabalho que não seria bem feito, seria uma má representação de uma situação, de uma pessoa que poderia existir- existe alguém que é que nem a mãe do Jeremias, que nem o pai, ou que nem os avós, pessoas que existem. Não há ninguém específico, é muita gente.

E esse é o trabalho que na verdade é uma questão, um problema em relação ao racismo, quando você representa uma pessoa você está representando um grupo, isso é injusto. Uma pessoa branca pode fazer tipos diferentes de personagens e na verdade não significa que todas as pessoas brancas são aquilo. Quando você escreve personagens negros, ou personagens indígenas, ou personagens LGBT, você traz talvez algum estigma, você traz algum estereótipo, você traz alguma coisa que é injusta na representação.

Então esses diálogos sobre como fazer melhor a história, na verdade não teve nenhuma conversa sobre isso assim, qual que seria seu papel na coisa. Porque na verdade o Jefferson já trabalhou com bastante gente, ele já trabalhou com pessoas que "Ah não, não mexe no meu roteiro, não mexe em nada, não muda nada", e tem gente que é mais de boa. Eu acho que é trabalho colaborativo, em nenhum momento na minha cabeça eu achei que ele tinha que ficar no trabalho do- como se o trabalho do desenho, que é, ele vai recontar o meu roteiro visualmente, ele não é uma impressora, ele não é isso. Ele tá recontando, ou seja, nós estamos contando juntos através de processos. Não é minha história, arte dele, ele aplica a narrativa dele, o meu roteiro é um roteiro aberto. Eu não deculpo ele no meu roteiro, eu não coloco "Página 1, Quadro 1, Plano geral...", vai, na abertura do *Pele*, "Página dupla, Plano geral de São Paulo", não, não é isso que tá no roteiro. Eu dou uma indicação disso, e vai. E ele fez a narrativa, que é recontar visualmente e emocionalmente, através da imagens e das cores, eu não mandei pintar com cor sabe, tudo que ele tá me mostrando ali quando ele fez era algo novo, algo interessante. Eu não tinha pensado exatamente daquela forma, mas é engraçado, tava no espectro do que eu pensei, só que do jeito dele, totalmente novo. Então é isso, acho que parceria que funciona tem que ter diálogo, porque é um objetivo em comum. Não é você aparecer e ganhar um tapinha nas costas, "Ah, que legal seu roteiro". Não interessa se o meu roteiro é bom se o produto final é ruim, o roteiro é um guia, em espanhol né, o *guion*, ele é um guia, ele não é nada, não serve pra nada o meu roteiro de quadrinhos. Ele não é pra ser lido. Não é pra ninguém ler o meu roteiro, é pra ler o quadrinho que a gente vai fazer. Se ficar nessas, arrogante, de quem manda mais, aí vai ficar uma porcaria.

Vitor: Eu ia falar, é, vocês falaram da necessidade de pensar e repensar diálogos, e tipo da delicadeza de tratar alguns assuntos, eu lembrei muito dessa página, dessa sequência aqui na verdade. Porque quando eu li, eu pensei "Caramba, tipo, teve um cuidado muito grande-", porque eu sinto que é um tato muito grande de alguém que passou pela experiência um pouco, de certa forma, pra ela seguir numa linha que é muito compreensível e muito, né- (indica página de *Jeremias*), essa aqui.

Rafael: Sim.

Vitor: Que é o balão cheio de texto do pai do Jeremias, né. Quando ele chega nesse momento-

Rafael: Tem história nesse balão.

Jefferson: A gente conversou sobre esse diálogo do pai com o Jeremias no mesmo dia em que a gente foi na primeira reunião com o Sidão (Sidney Gusman). A gente foi, a gente conversou quase de tudo, toda a história no mesmo dia.

Rafael: É, não, naquele dia eu tinha duas ideias só. Era essa, e o gatilho da história que era sobre o trabalho escolar.

Jefferson: Sim, então, a gente conversou bastante lá na frente ali, depois que saímos da reunião ficamos-

Rafael: A gente ficou, tipo, mais de meia hora.

Jefferson: O Sidão passou pra almoçar, a gente continuou lá conversando, ele volta do almoço, a gente tava lá trocando ideia...

Rafael: A gente tava pilhado, foi a primeira reunião né, primeira vez que a gente foi na MSP.

Jefferson: Sobre esse balão a gente veio, não foi naquele momento, durante o caminho dirigindo, trocando ideia sobre essa coisa de precisar ser duas vezes melhor, a gente teve uma conversa. O caminho foi meio que em cima desse... a volta pra casa, deixar ele-

Rafael: Que era um ponto forte na história.

Jefferson: Aí depois, quando tava lendo o roteiro e tal, "Caramba...", isso veio do Sidão, "É forte, tá legal, tal". Mas aí veio a comunicação quando eu diagramei, joguei, fiz os-

Rafael: Daí você fez os balões, é.

Jefferson: Fiz os balões, joguei esse balão tudo de uma vez só, né. E aí tem a história que o Sidão falou "Não, isso aqui tá..."-

Rafael: É que tecnicamente, quando você faz balão de quadrinhos, tem algumas regras. Uma delas é que você quebra...

Jefferson: Respira.

Rafael: É, é muita informação, então você quebra, até pra guiar o olhar, pra leitura não ficar muito pesada né, tipo muito texto.

Jefferson: É quantidade de texto pra duas páginas quase assim, sabe.

Rafael: Isso aqui dava fácil três, quatro balões, fácil.

Jefferson: Acho que dava até mais, dava pra guiar...

Rafael: Então quando ele começou a ver que a gente tava deixando desse jeito ele falou "Poxa, muito-" e explicando, tecnicamente, não é o correto.

Jefferson: Não tá certo isso aí.

Vitor: Mas faz muito sentido.

Rafael: Mas é isso, a gente defendeu isso. O Sidney tem um curso de edição, e ele acrescentou no curso dele, um trecho de "nem sempre o editor tá certo".

Vitor: É, exceção.

Jefferson: Por causa desse...

Rafael: Por causa- ele usa como exemplo. Porque é um desabafo né, um crescente do personagem do pai, do Alexandre, que é, ele vai buscar o filho na escola que brigou, ele tá preocupado com esse tipo de momento da vida do filho, e ele leva uma batida policial indo buscar o filho. Vai num crescente emocional de preocupação com o Jeremias e a situação que ele passou, que obviamente não é a primeira vez que ele recebe uma batida policial, mas ele também tá preocupado de forma subjetiva na história tem isso assim, ele sabe, começou. O filho vai passar por tudo que ele já passou.

Então, é pra ser sem respiro. Porque ele tá tentando falar com o filho, o filho não entende que ele, pô, ele tem dez, onze anos, ele não entende porque que não pode brigar, o que que tá acontecendo, porque tão atacando ele racialmente dessa forma, ele não entende ainda, tem que explicar. E também fala sem pausa. O balão, se você quebra, é respiro também. Se você fala com respiro, perderia a força emocional. Então esse balão precisava ser de uma vez, pra pessoa ler mentalmente e sem parar.

Jefferson: Nem o pai tem tempo pra processar o que ele tava falando. É algo que já tá... a história dele vem nesse balão. E o que ele precisava falar pro filho, que vem adiando há muito tempo, sabe, é uma conversa que vem sendo adiada o máximo possível.

Rafael: Ele já falou com a esposa, com a Carol, "Olha, a gente precisa conversar, precisa conversar...", só que eles não sabem exatamente como. Porque como que você vai falar pra um menino, o seu menino, que pô, o mundo vai ser extremamente

cruel e violento com ele, queria nem que isso tivesse acontecendo. Então essa demora faz muito sentido.

Eu lembro que quando teve as primeiras páginas anunciadas, o Sidney anunciava no Facebook ainda, depois o Facebook começou a perder engajamento e tal, e depois passou pro Instagram e tudo mais. Mas ele fazia grupos né, de evento. Então as pessoas entravam, e tinha muita gente. E aí eu tava lá, né, vendo a reação das pessoas, e ele colocou uma página que são os pais conversando, "Pô, a gente precisa conversar com ele e tal...". E aí eu vi algumas pessoas na hora, ao vivo, falando "Ah, A Conversa", "Eles vão colocar A Conversa". Sabe, pessoas negras, obviamente. Então existe uma verdade ali, porque também não é nada que a gente não tenha passado, de uma certa forma. Eu nunca passei pela Conversa exatamente da mesma forma que, tava começando a construir uma história, e o Jefferson tem três filhos, então tava perguntando "E aí, como é que é?". Tipo, você também não teve A Conversa, é uma coisa diluída ao longo do tempo também, né. Só que quando você não tem essa conversa ao longo do tempo, você acaba passando por isso. Porque às vezes tá acontecendo alguma coisa e você tem que explicar de uma vez, e tudo mais.

Jefferson: Hoje em dia tem muito mais ferramentas, para sentar e ver um filme específico sobre o assunto.

Rafael: É verdade. Já abre o diálogo.

Jefferson: Vai abrindo o diálogo, fiz isso várias vezes com eles, pra chegar nesse lugar, e até esse livro depois fazer o serviço-

Rafael: Se tornou isso, né. Nas escolas, até isso mesmo.

Jefferson: E aí me fez lembrar que assim, a gente passa por esse ponto de defender esse balão, de que ele precisava ser isso até porque a forma... era até pro pai se arrepender de verdade de como ele falou. Sem respiro é pra ter esse, "Cara, eu não sei se falei direito".

Rafael: Já estava no roteiro ele falar tipo, "Nossa, falei que nem o meu pai, falei de forma dura...". Se você fala que nem o seu pai, se você tem quarenta e tantos anos hoje, você fala que nem o seu pai falava, é duro demais, é sem ferramenta, é sem, sabe, sem massagem. Não é assim que você conversa com uma criança, não é assim que você vai explicar pra ela como funciona.

Jefferson: Porque ia repetir o erro, à toa.

Rafael: Exato, exato.

Jefferson: Então tinha que ser- passar essa ideia do estresse e tudo mais. Eu, por exemplo falo assim, você falou né, antes, com o anúncio e já vendo essas pessoas repercutindo a conversa, o bacana foi também quando a gente começou a fazer as primeiras viagens com o livro, e eu acho que foi um que foi forte assim, foi em Salvador...

Rafael: Salvador.

Jefferson: E, depois do bate-papo, a maior parte das pessoas iam contar sobre as suas próprias-

Rafael: É, elas não tinham perguntas.

Jefferson: Mas muitos vinham pra falar sobre esse livro, "Cara isso aqui vai ser... vai me ajudar na conversa que eu preciso ter".

Rafael: Não, no primeiro lançamento na Faculdade Zumbi dos Palmares, depois teve um outro lançamento grande na livraria Saraiva. Mas na Faculdade Zumbi dos Palmares, um cara mais velho, assim, ele chegou atrasado. Ele perdeu o bate papo, e aí ele tinha comprado, porque ele viu a capa, ele viu que era MSP. Não sei se você lembra disso, e aí ele veio lendo no ônibus, ele chegou e a gente já tava assinando, aí ele chegou e falou: Eu sou pai, eu tenho duas filhas e eu falo desse jeito com elas. E eu entendi, nesse quadrinho de vocês, que eu não tenho que falar desse jeito. E aí foi muito forte porque a gente fez com o pensamento muito específico de "a gente precisa representar as pessoas negras de uma forma correta porque nós somos nossa família, nossa vivencia, mas não é só sobre a gente, é algo coletivo". Mas tem coisas que é instinto, era mais feeling, e esse quadro, esse grito que o pai dá, ele é sobre instinto na verdade. Racionalmente ninguém quer falar assim, a representação é essa e é uma representação que dá pra compreender hoje, como um homem negro que fica mais velho assim, cara, você tem muita raiva das coisas. E outra coisa, tem uma coisa de masculinidade, que isso parte não só de pessoas negras, mas é uma masculinidade de não conversar, de não falar sobre seus sentimentos. Se você guarda demais as coisas que você tá sentindo isso vai escapar de um lado negativo, você vai se envenenar com seus próprios sentimentos ruins. E é esse o Alexandre, é esse o pai do Jeremias, ele tá envenenado por isso. Com as dores da infância, da vida, de como o pai falava com ele, na tentativa de protegê-lo mas de uma forma dura. E agora com o filho, é um momento de cura, é um momento de chegar e pedir desculpas pro filho. É uma coisa que muito adulto não faz, pedir desculpas pros filhos quando erra, pedir desculpas e explicar. Pedir desculpas cem por cento, mas explicar, "olha, eu sei como você se sente mesmo, eu entendo como você se sente mesmo, eu entendo você". Pra ter uma cena que é uma primeira que o Jefferson gostou muito que é a da vitrine, que é quando o Jeremias vê na vitrine o reflexo dos pais como crianças, porque daí ele entende na verdade "ah, eles realmente já foram crianças que nem

eu", que uma criança não pensa nisso, você sabe mas não é, é saber mas entender. Dizer "eles realmente entendem como eu me sinto hoje", porque os pais explicam. Tem que ter diálogo. E a gente sabe, principalmente se você tem a idade dos pais do Jeremias, como é crescer sem diálogo, é simplesmente "vai lá, a vida é dura, vai lá". E isso vai ter o preço, tem um preço emocional muito grande, então eu queria colocar isso do pai porque homens precisam conversar mais sobre os seus sentimentos, tá tudo bem. E ele chora, junto da esposa, ele tá triste de ter falado assim com o filho e ela o conhece muito bem, entende isso, e essa coisa deles se conhecerem muito bem, de estarem juntos há muito tempo também coloquei isso brincando no roteiro no Alma também. Em que ele até brinca com a sogra, que eles se dão bem, já se conhecem há muito tempo, ele faz uma brincadeira com a sogra que tá brava, é uma família, e uma família tem uma história longa e essa história é bonita e também as vezes não é. Então esse balão, a gente precisou só explicar pro Sidney, "ele precisa ser assim", quando ele entendeu a parte emocional disso ele não falou mais nada. Tem essa página dupla também né? Que no primeiro momento ele também achou que era meio desnecessária né? Mas é um momento que o Jefferson defendeu bastante de uma recapitulação emocional, uma compreensão. E é muito mais filosófico do que outra coisa.

Miguel: Vocês estão falando muito de como situações que acontecem no Jeremias passam pela experiência pessoal de vocês e de muitas pessoas. No Jeremias: Alma, o Jeremias, em algum momento sente a necessidade de buscar mais informação sobre a família dele, sobre o passado dele, sobre a história da família dele. Isso passou pela experiência de vocês também? Enquanto vocês estavam fazendo, vocês sentiram necessidade de procurar mais sobre os seus antepassados e sobre sua família?

Rafael: Enquanto fazendo não, mas acho que é um pensamento que existe. Jefferson: Ele conversa muito até com, passei por isso, porque antes do Alma, entre o Pele e o Alma, eu fiz o "Roseira, Medalha, Engenho", exatamente nesse lugar, sobre busca ancestral, sobre olhar pro passado e entender família, essa coisa geracional. Então, ter feito o Roseira e chega no Alma, fazia tudo dialogar muito. Rafael: Sabe o que é interessante nesse momento assim? Na hora que eu entendi o que deveria ser a busca, na verdade eu fiquei pensando, quebrando a cabeça até chegar no Griô. O Griô foi o "Ah, eu achei o fio todo", assim. Mas a busca ancestral, eu não tinha uma busca ativa, mas eu tava pensando muito sobre isso e aí ao mesmo tempo cê colocou o Sankofa no Roseira, e eu tatuei o Sankofa. Tanto que você já tinha colocado na história, eu não sabia e aí a gente foi fazer algum evento que você falou, pô...

Jefferson: Taubaté...

Rafael: É! Aí ce viu a tatuagem nova, assim, eu não tinha visto que cê tinha colocado.

Vitor: O que é o Sankofa?

Rafael: O Sankofa, ele é um Adinkra, né. Os Adinkras africanos são imagens, são ícones que representam coisas diferentes, podem representar coisas simples, como coragem, ou então beleza. Um Adinkra de beleza por exemplo, é mais específico de beleza feminina até, né? Que é um pente garfo. O desenho de um pente garfo. E tem Adinkras um pouco mais complexos. O sankofa ele basicamente fala "Tá tudo bem você olhar o seu passado, resgatar o seu passado" e é muito sobre você entender o seu passado, entender o porquê você está agora no presente e saber o que fazer com seu futuro. Se você perde a sua história, você perde a sua essência. E também vem da parte do "aprenda com as coisas que aconteceram na vida".

Jefferson: É um Adinkra dos poucos que tem três, quatro traduções e formas gráficas.

Rafael: E tem a mais clássica, né. Que é como se fosse um coração, que tá em portões pelo Brasil inteiro e fora do Brasil, porque na verdade foram escravizados que fizeram os primeiros portões que fizeram isso. Então eles colocaram isso de uma forma discreta, que é, eu vou lembrar o meu passado sim, então ficou com o passar do tempo, é bonito né? Então, continua reproduzindo, ce vai numa Leroy Merlin da vida você acha um portão que tem um coração. Ah, é porque é bonito. Mas na verdade, originalmente é uma das variantes gráficas do Sankofa. Então foi uma busca mesmo de formas diferentes, ele fez um livro inteiro sobre uma busca, sobre falar da família, que é o "Roseira, Medalha, Engenho e outras Histórias", e eu tava nessa vibe e aí tatuei o Sankofa. Porque é isso, as pessoas negras não tem muita, já é um privilégio o Jefferson conseguir chegar nos bisavós, por exemplo, porque no máximo do máximo que você consegue assim, você tem lugar onde nasceu, nome e sobrenome, não dá, você vai pra duas gerações, no máximo três gerações, ce não tem mais nada, você não tem documentação. Some. Ao contrário de pessoas brancas, que conseguem até chegar no ponto de "meu ancestral é do país tal, é da Itália, ou da Holanda, da Alemanha", consegue fazer isso. Então pensando nisso, principalmente em São Paulo, que tem muitos descendentes de italianos, veio a ideia de colocar isso na história, do Franjinha ter essa possibilidade de conhecer seus ancestrais, seus ídolos. Isso é ótimo, todo mundo deveria ter esse direito, mas o Jeremias, isso bate nele de uma forma que "tá, mas eu consigo? Não consigo fazer isso", e começa a se entender. Entender que o mundo é composto por muitas histórias, cada pessoa é uma história, algumas histórias se perderam, muitas histórias se perderam.

Jefferson: O Adinkra do Alma é Anansi...

Rafael: Que é a criatividade, é o Adinkra da criatividade. A Anansi é uma figura específica, é uma figura mitológica das histórias. Histórias diferentes em países

diferentes da África, mas o Adinkra de criatividade é esse e ele representa a Anansi. Que seria o primeiro contador de histórias, é o primeiro Griô, o primeiro contador de histórias, que graças a sua inteligência conseguiu o baú de histórias de Deus. O Jefferson tem um livro que é uma adaptação dessa história e tal. E aí a Tia Nanci é uma personagem que representa a Anansi porque lá nos Estados Unidos, "Aunt Nancy", né, os escravizados lá chamam de Tia Nanci. Né, aí parecia mais interessante ter uma figura que fosse feminina, então tá muito mais focado nas figuras femininas o Alma, na vò, na mãe e na Tia Nancy, porque as famílias negras são muito matriarcais, por N razões, mas muitos lugares, sociedades africanas são muito matriarcais também. Então era interessante falar das mulheres, e como as mulheres protegem e cuidam das nossas histórias. Só existem histórias porque as mulheres cuidaram dessas famílias pra elas continuarem por mais tempo. E é isso, por isso que é Tia Nanci.

Miguel: E faz muito sentido com o Jeremias, né? Porque ele é um contador de histórias, e uma pessoa extremamente criativa.

Vitor: É o que eu ia perguntar, no final do Pele, ele chega nessa conclusão, vou "contar histórias", né? Então, tipo, essa questão dessa sequencia pro Alma, ela já é uma coisa que vocês já estavam "vamos levar o Jeremias pra esse lado, já por causa de todo esse background e falar sobre história, e descobrir a história dos antepassados", cês acham que já tinha no Pele, já vinha isso?

Rafael: Tava lá alguma coisa, mas a gente não pensou nisso não, porque a gente focou tanto tanto no primeiro dar certo, não dar certo financeiramente, dar certo pra gente.

Jefferson: Não que ia, nesse sentido de desenvolver sequência, desenvolver que isso fosse parte dele, mas tava no Pele, a conclusão é pra isso. Que ele quer buscar, até o começo do Pele, ele já gosta de escrever.

Rafael: Ele é criativo, ele gosta de ler quadrinhos...

Jefferson: Só que até tem a conversa dos pais, eles falam no Alma.

Rafael: O Pele é a percepção de "Ele é criativo, ele gosta de quadrinhos, ele gosta de histórias e vem o ponto de na verdade, já que ele gosta de quadrinhos, ele quer fazer quadrinhos, mas simbolicamente é, tomar controle da sua narrativa. Ninguém vai te dizer quem você é. Se você pode ser um astronauta, um pedreiro ou seja lá o que for, ninguém vai te dizer o que você é. Então chega essa conclusão, né? O quadrinho do Guardiã da Noite, em que o sidekick que é um menino negro no futuro vai se tornar o Guardiã da Noite como adulto, você pode se tornar o que você quiser. Então é muito sobre o controle da sua própria narrativa, sobre "você decide quem você vai ser, não é ninguém que vai te dizer quem você tem que ser".

Já no Alma ele começa a escrever e ele percebe que tá faltando história, que história tem o contador de história? Qual a história do contador de histórias? E quando você é negro você não tem tanta, porque roubaram de você, da mesma forma se você for indígena, também roubaram de você. Então, até por isso que a gente coloca o Papa-Capim também no Alma, também é sobre isso, que é uma coisa que eu achei que talvez não fosse passar, porque é a morte do Papa-Capim né? É ele mais velho, é um fim de ciclo, em que ele planta o limoeiro no Bairro do Limoeiro. Então é sobre passagem de bastão, é sobre honrar seus ancestrais, a gente precisa saber de onde a gente veio, como país.

Jefferson: Além disso é entender quem veio antes, né? Que aqui a sobreposição atropela, e é o que tentam fazer ainda aí aonde ainda tem pegada indígena. Eu acho que marca pra gente entender que aqui se hoje existisse o bairro do limoeiro, antes tinha outra história.

Rafael: Tinha o que? Tinha uma floresta? tinha uma aldeia? Tinha o que? A gente esquece, a gente cria um ambiente em que a gente anda, a gente tá no centro de São Paulo, a gente esquece, que a gente tá numa das maiores cidades do mundo, que mais recebeu africanos escravizados no mundo, o último país do mundo a abolir. E que a gente tá andando entre espíritos, a gente tá andando em lugares de muita dor e antes disso, ainda teve toda uma luta indígena por sobrevivência. Muita gente morta, a gente tá andando entre fantasmas, e meio que a gente finge que a história não importa. Então é importante, esse é o valor das histórias. Através do entretenimento também, tá fazendo registros emocionais sobre a vida, sobre histórias do nosso país também, é pra isso que serve.

Jefferson: É o Adinkra que mais conversa comigo é o Sankofa mesmo nesse sentido de que, uma coisa que me irrita muito na sociedade hoje em dia é ver uns bordão de, você vai ver da boca de quem quem mais vai estar esse tipo de coisa assim "segue a vida, bola pra frente, vida que segue", que é mesmo um apagamento, é um convencimento que nada que veio antes importa.

Rafael: Só que ao mesmo tempo sabe o que é engraçado, quando as pessoas falam muito isso, pessoas brancas falam isso, porque quando pessoas negras falam isso vem do lugar de dor, vem do lugar de "cara, não quero pensar nisso".

Jefferson: Às vezes vem do convencimento também...

Rafael: Não, é de um convencimento branco, um convencimento de pertencimento, a pessoa, ela quer ser aceita, se ela tá falando muito das suas dores, não vão aceitar, se ela falar muito das coisas que aconteceram com ela não vão aceitar ela. Então muitas vezes...

Jefferson: Um exemplo bem atual é olhar Bel-Air, a série, é olhar o Carlton, o Carlton é esse do...

Rafael: Sim! E é conveniente pra ele porque ele é rico, vai pra outro lugar. Mesmo na série original, o Carlton tinha uns momentos incríveis de uso desse personagem pra falar disso, ele não passou por algumas coisas, ele tá blindado financeiramente de algumas coisas e ele não percebe, que ele não tá blindado dentro de sua cor.

Jefferson: Pra ele faz muito sentido lógico que ele tá nesse lugar meio...

Rafael: Ah, elitizado, né...

Jefferson: Então, mas é, alienado. Só que boa parte da população preta que se comporta como ele, não tá resguardada por dinheiro, é só pelo convencimento, é só pela doutrina, então muito preto evangélico, por exemplo. São convencidos...

Rafael: Isso vem de um lugar de escravidão, vem de um lugar da catolização forçada dos escravizados, então já vem desse lugar, as pessoas não entendem. "Ah eu me identifico", se identifica porque a sua família já era católica forçadamente, agora é evangélico mas na verdade tá ali, é similar, sabe.

Jefferson: Você abandona todo o passado.

Rafael: Abandona o passado, abandona a ancestralidade negra, porque demonizaram, desde a época da colonização indígena, já demonizam outras religiosidades. É muito fácil, só que quem fala pra você, negro, "esquece, isso é passado", branco que fala isso, ele adora sua ancestralidade europeia. Ele adora, ele adora, ele vai falar de tudo, chega num ponto de ter um parlamentar celebrando...

Jefferson: O viking...

Rafael: "Sou viking"... Nossa me irrita muito quem fala que é viking meu Deus do céu, nossa senhora, e toma... e fala que toma hidromel...

Vitor: Hidromel no chifre...

Rafael: Nossa, parou, não tenho como... Tatua runa, mas tatua runa com esse papo né? Não é nem uma coisa mística, mas aí vai lá e diz que é também. Eu sou viking porque é minha religião. A gente conhece gente assim, infelizmente. Pois é, o ponto é, celebre sua ancestralidade europeia, a gente teve um parlamentar celebrando o fato de que o avô era nazista, dando ali um duplo twist carpado argumentativo pra dizer que não é mas a verdade é que o cara descreveu um período histórico e um lado da guerra que era um só. Pô, que absurdo, então esse é o nível de valorização ancestral branco que supera qualquer tipo de auto percepção, e de momento histórico e do que deve ou não ser dito. É impressionante. A gente sente que se tem

uma valorização histórica, seja religiosa, seja histórica mesmo, não é muito valorizada. E quando cê vai ver, cê para pra pensar, nas grandes invenções da humanidade, tudo vem da África. E quando você para pra estudar, coisas absurdas assim, tipo que surgiram no momento em que a Europa não era nada, já se fazia cesariana.

Vitor: Os Muçulmanos, né?

Rafael: Já se fazia, transplante de órgãos, é nesse nível. Mas não, tudo foi criado na Europa né?

Vitor: O "berço da civilização ocidental"..

Rafael: O berço da civilização é a África. A gente tem que ter um pouco dessa... A gente queria colocar isso no Alma também, um quadro que as pessoas compartilham muito é Jeremias perguntando pra família, né? Nossa, "gente negra já fez algo importante?". Porque ele não sabe, ele não sabe! Da mesma forma que muitos adultos não sabem, então era importante dizer. Sim, fez! Fez muitas coisas! Na verdade o começo de tudo é ali, e depois vai pro mundo. Só que muita coisa é roubada, crédito é roubado, tal. O Jeremias, ele é muito importante pra gente por muitos motivos, ele obviamente foi muito importante pra nossa carreira mas ele é muito importante pra gente conseguir contar coisas que a gente sempre quis falar e não sabia nem como, exatamente. Mas também, histórias roubadas é pra todo lugar. Desde o menino, que é ator, diretor, produtor e não sei o quê, mas ele tá roubando a história de um autor negro que é o Alexandre Dumas.

Vitor: Que ele nem fazia ideia, né?

Rafael: Não, ele sabe, quem rouba sabe de quem roubou, tendeu? Mas sabe, o pessoal do bairro, a molecada não sabia. O Jeremias sabe porque o pai dele já contou a história pra ele, apresentou autores negros pra ele, inclusive Alexandre Dumas, que criou Os Três Mosqueteiros, O Conde de Monte Cristo, né, que é a história que o menino rouba.

Jefferson: Não mas também tem muita gente que conhece Os Três Mosqueteiros e não sabe que o autor é negro.

Rafael: Porque embranqueceram Alexandre Dumas da mesma forma que tentaram a todo custo embranquecer o Machado de Assis, é a mesma coisa que fizeram, né, então era interessante isso, esse apagamento, ele tá representado nisso. O menino negro, e o menino branco, na verdade ele tem o seu talento, sua vontade de produzir, mas na verdade ele não tem caráter, então ele rouba história negra porque funciona melhor pra ele. Mas o Jeremias entendeu, logo ele se torna um alvo, logo ele se torna alguém pra ser ridicularizado e diminuído. Tem essas camadas da

história negra desde a época da escravidão, de histórias apagadas, né, até isso, desse tipo de situação que acontece, de autores brancos roubarem vivência negra pra se bacanear e fazer sucesso com vivência negra. Isso acontece.

Jefferson: Desde a Grécia antiga isso aí...

Rafael: Também. Então é isso, a gente vê a história se repetindo, a gente tem que entender de alguma forma enquanto sociedade, algumas coisas pra essas coisas pararem de acontecer.

Vitor: Depois da publicação do Jeremias, o que você sentiu, como autores mesmo? Abriu mais oportunidades? Mudou? O que mudou?

Rafael: Abriu, pra mim abriu mais também. Não sei o Jeff quanto ele sentiu de diferença, eu senti uma grande diferença. Porque assim, o Jefferson já tinha uma carreira como quadrinista, mas com certeza ampliou, as pessoas te conhecem... Mas a minha tava muito no começo, né. Então muita gente, mesmo dentro dos quadrinhos, não me conhecia, começou a me conhecer. Leitores, também, e abriu mais oportunidades, mesmo, de trabalhos e possibilidades.

Jefferson: Eu nem falo oportunidade, mas eu acho que Jeremias, vem pra um lugar de validação do nosso trampo, acho que com muito mais gente conhecendo nosso trabalho de uma forma, como o Jeremias se faz pertinente. O Jeremias vem de uma forma inevitável pro momento, sabe, assim. E a forma como a gente conseguiu trabalhar com o Jeremias, trouxe esse olhar de validação. "Esses caras sabem o que tão fazendo".

Rafael: É, o respeito.

Jefferson: É, então mais do que oportunidade, veio respeito.

Rafael: É que uma coisa tá atrelada a outra mas algumas oportunidades ainda, a gente sabe que eles são limitadas justamente por causa do tipo de história que a gente faz, a gente tem um tipo de discurso específico e a gente não faz qualquer coisa, a gente não vai topar qualquer coisa. Então teve coisa que apareceu, oportunidades... "ah, faz tal coisa?" a gente fala "eeh...não". Aconteceu já, sabe? A gente fala "não". "Mas por que não?". "Puts, porque na real, vai contra algumas coisas que eu acredito". Então esse respeito, ele trás algumas coisas, só que ao mesmo tempo também, o quanto isso é pertinente pra gente? A gente é meio chato nisso, a gente não vai realmente fazer qualquer coisa. A gente tem um ponto de vista sobre a vida, sobre o mundo, esse é o tipo de profissional que a gente quer ser, também sabe?

Jefferson: Tem coisa que apareceu, assim, que independente se a gente já tava na trajetória de fazer Jeremias...

Rafael: A gente nem toparia...

Jefferson: Então, tem uns que não dava nem... mesmo que se a gente... Antes de Jeremias nossa imagem não tava associada direta ao discurso que a gente tem como pessoa.

Rafael: Não estava.

Jefferson: Eu era um desenhista de livro didático, quadrinhos mais pra gringo, underground, uma coisa meio fora do mercado de quadrinhos mesmo, de comics americano. Tava em outros lugares que não se associavam diretamente ao discurso. Ainda assim, esse tipo de projeto que apareceu, nem mesmo que o discurso não associava, não dá.

Rafael: Mesmo que pagasse bem, não, porque não dá. Porque é isso, a gente tem um ponto de vista sobre algumas coisas que são inegociáveis.

Jefferson: E depois de Jeremias pior fica, sabe.

Rafael: Não, porque pegaria mal, se a gente simplesmente perdesse o critério e fizesse os tipos de história que seja um demérito.

Vitor: Que exemplo vocês podem falar?

Jefferson: Imagina, Monteiro Lobato, assim.

Rafael: É, por exemplo. Não. Não. Não. Não.

Vitor: Sei lá, alguma coisa do Lovecraft, assim...

Rafael: Também não, também apareceu. Não, por quê? Porque a pessoa tá puxando nomes interessantes do momento. "Ah esse aqui é um nome legal agora, vamo ver qual é". Aí fala, você gosta de Monteiro Lobato, Lovecraft, não cara. Não.

Maria: Nossa, muito sem noção.

Rafael: Não, são coisas que mesmo antes, a gente não faria não. Eu ein.

Vitor: E como é que o Sidão chegou em vocês? Tipo, a Maurício de Sousa Produções chegou em vocês, como é que foi assim, o primeiro contato?

Rafael: Ah, ele, quando ele falou comigo ele já tinha falado com você (Jefferson), e ele falou que pegou meu telefone com o Marcelo Campos, na Quanta. Ele é um amigo do Marcelo a muitos anos, então ele ligou na Quanta e explicou porque. O Marcelo ficou super animado pela gente, ficou quietinho, super animado pela gente. E aí assim ele pegou meu telefone, talvez assim ele tenha pego o seu desse jeito também, acho.

Jefferson: A gente já se conhecia, desde a época de Quanta, a gente como aluno.

Rafael: Sim! Apareceu até uma lembrança, apareceu outro dia umas fotos ali...Que era um evento de Anime Friends, uma coisa assim e eram várias fotos. Tava você, tava eu, e ele lá na varanda. Eu não conheci ele dessa época.

Jefferson: O Quebra Queixo.

Rafael: O Quebra Queixo volume um, né? Eu participei dos três.

Jefferson: Eu conheci, como eu era esse bom aluno...

Rafael: Ele era um modelo aplicado! Ele era.

Jefferson: O Campos me colocou embaixo do braço e qualquer profissional que visitasse a escola, ele ia lá, ele que ia apresentar meu portfólio, cara, ele fez todo esse rolê comigo, nessa eu conheci o Sidão desde aquela época.

Rafael: Nossa eu fui conhecer ele dez anos depois, no fim de 2013, dez anos depois disso.

Jefferson: Assim, em 2013 a gente foi pro FIQ, eu tava lançando A Dama do Martinelli, que eu levei uma rasteira da editora que prometeu que ia tá comigo lá e não levaram. Então eu fui atoa. Atoa assim, eu fui pra trabalhar. Não tinha, então eu com uns amigos, a gente ficou só na cerveja artesanal do FIQ.

Rafael: Eu tinha levado um fanzine, que é O Dueto, a primeira versão do Dueto, que depois saiu pela Conrad que eu redesenhei e tal, ficou muito maior, até seguindo dicas do Jefferson né, que ele leu e falou, "olha, legal, mas tá muito corrido, tá muito concisa". Aí depois de um tempo eu peguei essas dicas que ele tinha me falado e dei uma mexida na história, ficou o dobro de páginas só mexendo na narrativa.

Rafael: 2012, eles tavam anunciando Turma da Mata no FIQ, que não existia a Comic Con ainda, a CCXP foi no ano seguinte, então eles anunciaram no FIQ.

Jefferson: Eu sei que teve um evento grande da MSP no FIQ.

Rafael: Teve, teve, eu só lembro do Turma da Mata nesse ano por conta do pessoal que eu já conhecia, o Roger Cruz, Davi Calil, Artur Fujita, que a gente já conhecia a anos, né. Então eu lembro que eles anunciaram naquele ano, e aí eu tinha. Eu queria falar com o Sidney, e não tava com coragem.

Jefferson: O cara que fala pelos cotovelos hoje em dia.

Rafael: Po mas o Sidney era o Sidney já... Eu tava meio assim...

Jefferson: Eu, que sou o que não fala, fui até o Sidão, e falei, aqui o menino.

Rafael: E ele tinha visto já, ele tinha feito, a gente não se conhecia mas ele tinha feito parte do júri do PROAC, e ele tinha votado no meu projeto, então ele falou "Ah, eu lembro do seu projeto! Legal, tal". Aí eu dei o meu fanzine tosco pra ele, e ele mó gentil, depois ele me respondeu, sabe, tipo. Basicamente ele elogiou muito a história e criticou o desenho, basicamente isso, Eu entendo, faz todo sentido mesmo. Mas mó gentil e tal, Aí começou a acompanhar, ele já conhecia o Jefferson, e começou a acompanhar o meu trabalho também. Então chegou na hora de fazer o Jerê, ele já tinha alia gente como dupla, ele sabia que a gente já tinha feito quadrinho junto antes e já conhecia a gente. Depois eu lancei outro quadrinho com o Tainan Rocha, Crônicas da Terra da Garoa, que ele também tinha comprado, ele foi no lançamento na Quanta, então, é isso. Ele já tinha pensado na gente como dupla logo de cara.

Jefferson: Mesmo que já fazia, que não acompanhou a gente com a carreira junto, né.

Rafael: Sim, tinha vários separado, né? Mas como ele sabia que a gente se conhecia a muito tempo e já tinha até trabalhado junto, a gente já tava na cabeça dele como a dupla pra fazer o Jeremias. E foi uma aposta, principalmente em mim, porque eu tinha pouca coisa, você já tinha muita coisa pra ele olhar, e pensar no seu trabalho, eu tinha dois quadrinhos. Então foi uma aposta um pouco maior em mim, então, eu tenho consciência disso. Mas foi uma oportunidade muito boa, de fazer algo importante assim, e foi uma oportunidade de eu falar de assuntos que eu não sabia exatamente como, e que de alguma forma tava adiando. Porque você tá falando de dores né, você tá falando de coisas... pessoais assim em última instância. Mesmo que você se coloque no... no avatar do personagem, são coisas que a gente sente né, é vivência pessoal mesmo que tá na história então... acaba meio adiando isso eu acho. Mas Jeremias veio como uma resposta de: "não, não, não, fala mesmo sobre isso" e, foi escrevendo o "Pele" que eu entendi na verdade o tipo de história que eu quero contar.

Jefferson: Como eu falei a carreira me levou a fazer muita coisa vai... nesses 10 anos iniciais aí, muito com animação, mas nunca com um projeto com esse tipo de

discurso. Então... como eu falei, antes de Jeremias a gente não, não trazia para o trabalho profissional o próprio discurso. Né.

Rafael: sim, enquanto a gente amadurecia o nosso próprio discurso durante a vida, a gente não tinha nem... querendo ou não, por um lado foi bom. Porque talvez a gente tivesse feito errado. Talvez a gente tivesse reproduzido uma coisa, que mais novo, a gente taria reproduzindo de uma forma incorreta, e... tá pra sempre, ia existir pra sempre. Sabe então o Jeremias a gente tá com, com um discurso mais... como caras mais velhos e "ah, entendi isso aqui".

Jefferson: Então assim é... o convite do Sidão vem pra um lugar de que, não só específico como editor e específico no título na coleção dele, né, direcionar, pra esse discurso. Esse convite e esse, esse livro específico, acaba sendo como um editor que direciona nossa carreira daí pra frente.

Rafael: Sim

Jefferson: Né, sabe, direcionar o nosso... a nossa produção como autores, independente de Jeremias agora. Mas tudo tá relacionado agora com, com... a coragem do discurso.

Rafael: É cê perguntou que que, como autores, né o que que aconteceu... além de ter toda essa questão, de validade do nosso trabalho... a relação com os leitores, fez com que a gente entendesse, de uma forma muito prática, a importância de se contar histórias. A responsabilidade de se contar histórias, porque as pessoas chegam nos eventos pra gente, com... com um discurso muito emocionado, né, e com... e com uma percepção de mundo assim, ou diferente, né, com pessoas que não são negras falando: "caramba, eu entendi alguma coisa aqui", "eu entendi algo sobre o meu comportamento ou sobre o comportamento de pessoas ao meu redor", "eu entendi... a minha responsabilidade como pessoa branca". E pessoas negras que eram o nosso, que eram a nossa preocupação principal: "eu me vi aqui".

Mas... o importante é, que perguntaram pra gente muito, até no lançamento, em um dos lançamentos do "Pele": o Jeremias ele mora... no centro da cidade, ele tem pai e tem a mãe, é, os pais são arquitetos... ele estuda numa escola que, se vê que é uma escola particular, nem fala nisso mas cê vê que não é uma escola pública né, seria outra coisa se fosse uma escola pública. Ou seja ele foge dos estereótipos. Foi de propósito? Foi né, foi, porque a gente vê muita representação de famílias partidas, vê representação de pobreza extrema e da violência. Isso existe? Existe, mas somos todos assim? Obviamente não. Então o importante é mostrar pluralidade. E... é isso, eu cresci aqui no centro da cidade, nasci na Santa Casa, aqui do lado. Então... é o meu ponto, de vista. É o ponto de vista de trânsito das pessoas, de diferentes tipos de pessoas. E como na verdade... você tá num lugar não-lugar. Porque da mesma forma, que já aconteceu em trampo assim: "ah onde

cê mora?", "ah eu moro no centro, moro na República", "ah você é playboy", então você vê que é alguém da quebrada que tá falando. Mas se é alguém com um pouco mais grana "ai você mora na Cracolândia, meu Deus que coisa horrível, lá é perigoso né", "ai lá é sujo, é difícil lá né?", a pessoa fica com quase dó, e medo. É o lugar não-lugar, esse lugar não-lugar é muito representativo... como uma pessoa negra, inclusive não retinta. É um lugar não-lugar. Então.. o centro era muito funcional, pra eu pessoalmente contar essa história também. E... e pra sair do estereótipo, pra colocar os pais como pessoas fora desse estereótipo, numa profissão elitizada. Somos múltiplos, somos vários, estamos em caminhos diferentes e ninguém vai dizer pra gente que a gente tem que ficar no lugar que queriam que a gente ficasse. Que é na pobreza extrema, no perigo extremo. A gente vai sair desse lugar, e a gente vai falar sobre isso. E se tiver vergonha sobre isso, uma pessoa branca com vergonha de ouvir essas coisas, cara sinto muito não é problema meu.

Vitor: Uhum, sim.

Rafael: Não é problema meu. A gente vai falar sobre isso. Infelizmente a gente sabe que várias pessoas, elas não dão bola, gente que faz quadrinhos, não dão bola pra Jeremias. Não dão bola, porque não quer falar sobre isso. Quer dizer, não interessa.

Vitor: Uhum

Rafael: E também não quer dar o braço a torcer que tem uma relevância aí. Não tem problema cara... continua fazendo suas histórias aí e a gente vai continuar fazendo as nossas. Ninguém nunca te criticou por causa das histórias que você quer fazer. Mas agora as histórias que a gente quer fazer, critica. Porque sente um desconforto, é um desconforto. Então não é que falam mal, falam muito bem do nosso trabalho, de Jeremias. Mas é um trabalho que gera esse tipo de desconforto, esse tipo de ruído, esse tipo de culpa branca, desculpa, não tenho nada a ver com isso.

Vitor: É...

Miguel: É... a gente percebe, principalmente sendo estudantes de artes visuais, na USP ainda... que é um meio muito... o meio das artes plásticas é muito elitista, extremamente elitista. Como vocês acham que os quadrinhos, é, tá situado nisso. Vocês acham que é elitista pra caramba também... é melhor? Tá melhorando? Como que... tá isso?

Jefferson: Ó eu estive num evento recentemente no SESC Consolação... é... de literatura, de algumas coisas com arte de, de lambe-lambe, serigrafia. E tinha uma bancadinha de sei lá uns 7 quadrinistas. É uma feira de arte... o público que foi pra prestigiar o que a gente tava fazendo aí, é... eles trataram muito bem, mesmo o

lambe-lambe, que era uma arte, não bem vista. Hoje... então, só pra contextualizar, o lambe-lambe hoje tem muito mais status do que quadrinhos.

Rafael: Ah sim, né, vendem lambe-lambe como papel de parede, virou uma coisa mais gourmetizada.

Jefferson: O quadrinho tava lá no meio da feira e as pessoas: "ah... mas é quadrinhos?". E...

Rafael: Quadrinhos é literatura?

(risos)

(risos) **Vitor:** Ai meu Deus

(risos) **Miguel:** A gente vai começar com essa conversa aqui?

Jefferson: Entendeu, então assim, todo esse não-lugar dos quadrinhos: tem o não-lugar das pessoas pretas não retintas né os pardos, o não-lugar que se associa direto com... com mesmo para os retintos os que, como eu falei antes né, os que se catequizaram, e... então também, esqueceu tudo né, sua própria história. E o Jeremias se relaciona com tudo isso, vai pro não-lugar de, de todas as possibilidades, inclusive nos quadrinhos. Quadrinhos tá nesse não-lugar, na arte, tá no não-lugar na literatura.

Rafael: As pessoas não sabem o que fazer com quadrinhos assim, não sabem como, classificar muito bem. Porque se manteve essa percepção de que quadrinhos ou é infantil, que no Brasil é Turma da Mônica, mas Turma da Mônica clássica né, sem as Graphics né, as Graphics foram criadas pra trazer o público mais adulto que deixou de ler as histórias infantis, mas... como uma nova roupagem justamente pra resgatar esses leitores. Mas, ou é infantil, ou é super herói. Não é só isso, mas não é só isso, mesmo. Mas em nenhum lugar do mundo. Então essa percepção ela vem da ignorância, e não digo burrice não, é a ignorância do não entender na verdade, porque o mercado nunca trouxe muito isso. Hoje em dia já traz mais, com certeza, algumas editoras trazendo quadrinhos de diferentes vertentes, muito interessantes e de vários países, e... passa longe dessa mesmice de, "ai ou é super herói ou é infantil", tem muitos tipos de quadrinhos, estão disponíveis, pra quem gosta. Mas... está, com o passar do tempo se discutindo mais o uso em sala de aula, então Jeremias tem feito parte disso, ainda bem né, muito adotado nas escolas. Até participei de um bate papo na, na USP né sobre isso, do uso de quadrinhos em sala de aula. É assim, é interessante, mas a gente tá nesse lugar não-lugar ainda e histórias como Jeremias ou Tina Respeito, que fala de assédio no trabalho, da Fefê Torquato, é... usa, né, com o aval, com a benção do Maurício, fala "tá tudo bem, na Graphic pode", que era o bordão deles: "ah quer falar de um assunto mais assim, na

Graphic pode". Porque é uma outra coisa, é um selo diferente, porque tem tipos de história que dá pra fazer, na Turma da Mônica clássica é um tipo de história, na Turma Jovem é outro tipo de história, que flerta com a clássica mas vai pra outro lugar. As Graphics é outra coisa, sabe a gente consegue né, obviamente... a gente não vai fazer coisas absurdas, com muita violência, nem nada, mas... nem é o propósito nem é isso que a gente queria com Jeremias, a gente tem que sair de certos estereótipos. Não é porque a história tem protagonismo negro que de repente tem uma grande violência, a gente tá falando sobre vivência negra e sim, sobre racismo, violências, são várias.

Vitor: uhum

Rafael: São vários tipos, às vezes um olhar em silêncio, né.

Jefferson: Jeremias tá cheio de violência, violência branca...

Rafael: É, a cena do "Pele" que a gente até comentou outro dia, a gente falou... disso. No fim do "Pele" né. Uma moça branca não quer sentar do lado dele no ônibus. Fica com medo, puxa a bolsa, e não sei o que. Isso é uma violência que ela não tem que dizer uma palavra, ele entendeu. Já é o fim da história e tal, ele entendeu, porquê dela não querer sentar do lado dele. É um olhar, é um desprezo, tem diferentes tipos de violência a gente não precisa ir pra... pra certas coisas, ainda mais dentro do selo... mas no geral, a gente também precisa é... a gente como autor pensa isso né tem representações diferentes do mundo. Então não precisa ser assim... não que eu não vá nunca fazer uma história que seja cheia de violência, mas não vejo necessidade disso agora.

Vitor: Você escreveu uma história do, do Jeremias pro Turma da Mônica Jovem.

Rafael: Sim, sim. Chama diário de viagem, é focada nele e sobre... ele ter dúvidas de quem ele pode ser, né. Não dúvidas assim, que possibilidades eu tenho, eu quero ser alguém com relevância, uma percepção negra de si. Então ele vai falar com o Franjinha, pedir ajuda e ele tem uma máquina que ele mostra possíveis né, uma pluralidade de possibilidades pro Jeremias em futuros diferentes, em que ele escreve quadrinhos, ou que ele é um astronauta, ou que ele é um agente secreto, ou um jornalista... possibilidades. É porque são... tudo que tem nele, tudo que ele pode ser.

Vitor: É, um personagem que ele cresceu muito, depois das Graphics.

Rafael: Sim ele é o único personagem que, que fez o caminho inverso né. Todos os personagens tinham bastante essência nos quadrinhos clássicos e aí foi transportado essa essência pras Graphics. Como ele não tinha nada, então foi das Graphics para as histórias clássicas. Tipo gostar de histórias, querer contar

histórias, gostar de gibi. Sabe então isso foi transportado pro, pro Jeremias clássico e jovem.

Vitor: É, vocês acham que a cena, a cena de quadrinhos ela se tornou nos últimos anos mais acessível para artistas não brancos e artistas periféricos?

Rafael: Olha sim... quando a gente começou era muito difícil assim.

Jefferson: É... eu acho que em qualquer área hoje, tudo é mais acessível. Acessibilidade tá...

Rafael: A forma de usar a internet já possibilita muita coisa né. Não é que abriram portas

Jefferson: Não, não.

Rafael: É que se tornou com o passar do tempo, mais possível.

Jefferson: Nossa parece conversa de velho aqui agora: no meu tempo...

(risos)

Rafael: No meu tempo não era melhor, no caso, não era melhor.

Jefferson: É era bem mais complicado, só depois dos 20 anos... mesmo apaixonado por desenho desde criança, mas não via essa possibilidade. Hoje em dia a criança mexendo no celular já vê lá: ô eu consigo desenhar no aplicativo aqui, semi-profissional.

Rafael: As referências.

Jefferson: Às vezes um profissional não conseguiria chegar, por falta de material, um profissional já maduro por deficiência de material não ia conseguir fazer um trabalho de qualidade. Hoje com... tudo que tá aí disponível.

Rafael: Com tecnologia, boas referências, artistas pra seguir nas redes sociais, você entender... você pesquisa os artistas você vê onde eles trabalharam, você consegue ter uma dimensão de possibilidades, você sabe onde mostrar portfólio.

Jefferson: Ser autodidata tá muito mais fácil.

Rafael: Exato, antes era muito mais complexo. E não é como se fosse uma desculpa nem nada, mas isso é verdade. E repito: ninguém abriu portas, exatamente. A gente tá num momento em que se fala de diversidade, mas o diverso

a que né? Ao padrão? Um termo também desagradável né. Ah diverso, diverso ao que seria correto, ao que seria padrão, ao que seria único como certo né. Mas, existe uma certa demanda de artistas que são x y z coisas. E aí parece que tem uma possibilidade, olha eles tão abrindo portas, não tão abrindo portas, é tudo dinheiro.

Jefferson: Mas redes sociais trouxeram essa visibilidade. Esses artistas, periféricos, mesmo se tivessem como produzir, não iam ter a visibilidade que podem ter hoje.

Maria: No Jeremias "Alma", é... no começo tem os pais do Jeremias lendo o que ele escreveu né, e eles apoiam ele. Vocês também tiveram esse apoio quando vocês decidiram ir pra área dos quadrinhos?

Rafael: Sim, digo... quando eu entrei na Quanta é... não era o meu dinheiro (risos) que tava pagando a mensalidade. Era a minha tia, tanto à minha tia quanto à minha vó, dedico à elas os Jeremias, inclusive o "Fim da Noite" né que saiu recentemente pela editora Darkside com o desenho do Diox. Também fala muito das duas, principalmente da minha vó assim, vivências dela e tal. Teve apoio... receoso. Porque cara não é um trampo que consigam assimilar de uma forma plausível tipo vamo lá, tenho carteira assinada, tenho décimo terceiro, tenho tudo certinho, ganho mensalmente... então durante muito tempo é... foi muito tropeço de como trabalhar com desenho se eu não tava trabalhando fixo. Então houve uma preocupação bem grande. Mas um apoio também.

Jefferson: Se até dentro do meio é difícil de enxergar essas possibilidades, imagina quem tá de fora. "Você é meio cabeça dura né de estar insistindo com isso".

Rafael: sim, sim. Eu era teimoso, por que realmente eu não tava visualizando... eu tava visualizando trabalhar com outras coisas como... eu não tinha um plano B, na verdade. Esse que era o ponto, eu fui muito teimoso, e arrogante. Eu não tinha um plano B, eu queria fazer isso que faço hoje. Eu tenho um alívio triplo, de ter conseguido produzir coisas legais, que as pessoas considerem, porque na verdade eu apostei tudo nisso. Eu apostei tudo nisso. Sabe eu não fiz faculdade, eu não foquei em arrumar uns trampos que iam me manter, sabe. Não, eu apostei tudo nisso. Porque eu não queria reproduzir um tipo de... de arrependimento que eu via na minha família, sabe de não ter explorado suas possibilidades. Porque certos sentimentos são ancestrais também. Que você vê que a pessoa queria mil coisas e a vida não permitiu. Então tem um alívio muito grande e veio desse apoio de casa, mas eu sei eu fui arrogante, eu fui cabeça dura pra caramba, e paguei o preço por isso. Eu pago o preço por isso. Mas... pelo menos hoje eu tenho um alívio e falo "não, tudo bem, eu não tava maluco". Eu tinha muito medo na verdade de ser muito ruim. Muito ruim, muito ruim.

(risos)

Rafael: Porque a gente conhece gente que é muito ruim, e a pessoa vai e ela faz outra, e ela tenta de novo e todo mundo sabe que ela é muito ruim. Eu tinha muito medo de ser muito muito ruim.

(risos)

Jefferson: E tem essas pessoas muito ruins que a gente olha e... pela origem, pelo berço...

Rafael: Ela pode continuar eternamente.

Jefferson: Continua e continua. Se não perceber direito da onde a gente... do nosso lugar e...

Rafael: É eu sabia que se eu fosse muito ruim eventualmente eu ia ter que desistir e arrumar um emprego e fazer um supletivo... não supletivo porque eu terminei o colegial mas tipo, estudar mesmo. Um cursinho na verdade, falei errado, ou fazer uma faculdade, ou tentar ir pro caminho tradicional, porque isso aqui não é pra mim. Ia ser muito triste.

Jefferson: Não porque assim, é o discurso de novo do Jeremias: "precisa ser duas vezes melhor". Nessa régua que a gente tá comentando aí, a gente olhava e po, meu trabalho já tá melhor do que x, x, y aí.

Rafael: Mas não é o bastante.

Jefferson: Mas não é o bastante. Aquele ali tá tendo trabalho, aquele ali tá trabalhando com isso... mas não chega ainda a vez, o espaço.

Rafael: Sim.

Jefferson: É... então esse, esse peso esse olhar a gente já tinha, ah tem o fulano ali... essa é a régua. Tem fulano e tem ciclano que a gente tá olhando e, ta... então o que eu faço da pra entrar no mercado.

Rafael: Sim.

Jefferson: Essa é a aposta dos cabeça dura. De tentar se colocar...

Rafael: Sim mas esse lugar ele vem de... a gente já chega com uma dúvida tão grande que a gente não sabe então... eu tinha um medo muito grande.

Jefferson: Sim. Vou falar uma coisa eu... tive que fazer o colégio técnico focado pro mercado tipo... esse era o plano A. Eu ainda tava no colégio técnico, quando um amigo que estudou na mesma escola tal, ele... branco. Ele era o revoltadinho lá da escola e... era pixador, essa era a alcunha que ele tinha: um pixador. Então o moleque ia lá e zuava... a marca dele tava em todo lugar. E... toda semana a mãe dele era chamada, mas nunca que o moleque era suspenso, não sei porque....

Rafael: É, pra alguns é fácil ser suspenso ou expulso, pra ele não...

Jefferson: Pra ele não. Mas assim, ele... deu uma bica no ensino médio, eu nem sei o que ele foi fazer, se ele foi fazer escola pública mesmo depois mas... anos depois ele apareceu como artista plástico renomado aí mundo afora.

Rafael: Ah é?

Jefferson: É, mundo afora. Ele...

Rafael: História de superação.

Jefferson: Então ele voltou, ainda no segundo ano, ele voltou lá na escola pra me convencer a sair e trabalhar com ele. Ele saiu e tava trabalhando com livro didático, moleque assim com 15 anos 16 anos, sabe, e o moleque já tava com uns esquemas de trampo com desenho. Ele apareceu lá, visitou a escola só pra me encontrar e falar "vem, tem área". Aí vem a perspectiva da diferença e tal. Eu vi a trajetória dele, a gente conviveu muitos anos na escola. As portas pra ele nunca se fecharam.

Rafael: Mesmo que ele tivesse tentando né.

(risos)

Jefferson: Então assim, mesmo com meio que esse apadrinhamento da parte dele, não me senti seguro. Deixa eu continuar no que é seguro.

Rafael: Nem precisava ser tudo ou nada, você poderia continuar fazendo os dois, mas você não sentiu segurança.

Jefferson: Não, e...

Rafael: Porque também vindo dele né...

(risos)

Jefferson: Mas com a família né, o apoio da família, no começo era tipo, sabe a história dele como foi, então a sua não é... se mantém aí ó. Então no começo, nem

eu acho que enxergava essa possibilidade real. Ah, você tem algo um pouco mais seguro aqui: segue. Aí lá na frente uns 3, 4 anos depois, eu podendo tirar do meu bolso pra pagar meu curso, aí não teve resistência da família.

Rafael: Porque aí você já era mais velho e você tava bancando.

Jefferson: É mas... teve o apoio mas sempre nesse lugar que até eu... fui com faca nos dentes, mas nem eu tinha certeza se ia dar certo, imagina quem tava no entorno.

Rafael: Então pra mim o, o ciclo se fechou pra abrir outro, por causa da minha tia né, professora de literatura e tal, ela botou gibi na minha mão, ela botou livro na minha mão, então não seria nada sem ela. O ciclo se fechou quando eu botei o jabuti na mesa dela na frente dela assim, aí o ciclo se fechou e começou outro, que eu não sei qual é ainda porque tá no começo. Ta no começo, é um ciclo, que eu não sei qual é, mas se fechou aí, tipo valeu, valeu. Eu dei trabalho também, mas valeu, porque é isso, ela entende melhor agora. E na verdade foi um ciclo de... disso do esforço dela de tentar me criar direito é... a nossa relação com as histórias, que foi a maior ligação que tivemos, através das histórias. Através de livros e filmes também. E isso, chegar nesse lugar. E o "Pele" na verdade auxiliou de uma forma, em que, ela já tinha lido quadrinho meu antes mas o "Pele" fez com que a gente conversasse sobre negritude, coisa que a gente na verdade nunca tinha feito. Então conversar sobre isso, ela me contar umas histórias, ela é muito fechada, então conversar sobre coisas que aconteceram com ela sabe, coisas que eu não sabia, só fui saber depois de velho. Coisas que aconteceram, situações... da vida, sobre racismo e tal, que ela passou e nunca tinha contado. Então ela me conheceu de uma forma mais ampla me lendo, e isso... também, é um fechamento de ciclo.

Miguel: Vamo fechar com essa aqui?

Vitor: É, vocês tem mais alguma pergunta que vocês queiram fazer? Tipo pode encerrar aqui?

Maria: Acho que não.

Vitor: Então, é uma pergunta meio existencial.

Miguel: E é meio clichêzinho.

Vitor: É meio clichêzinho. Mas é: o que vocês diriam hoje para jovens da periferia que sonham em se tornar quadrinistas? É possível viver só de quadrinhos? Essa é... aquela pergunta.

Rafael: Só de quadrinhos ainda não.

Jefferson: Eu não sei como viver só de quadrinhos.

Rafael: A gente não vive só de quadrinhos. Só de quadrinhos não. A gente não sabe como fazer isso, não tem como fazer isso a não ser que você desenhe pra fora, vai, se você desenhar super herói você consegue.

Jefferson: Não, tem quem consiga aqui.

Rafael: Só quadrinho?

Jefferson: Tem, tem. Pessoal de tirinha... tem quem.

Rafael: Não, tem quem, só que, também, é muito específico.

Jefferson: É específico, mas é quadrinhos...

Rafael: É possível né, mas é be difícil também, porque tira é um negócio diário, você tem que colocar todo dia, você tem que arrumar uma base de leitores, você tem que construir ao longo dos anos. Então quem faz tira, que vive disso, não faz de vez em quando. Pode até ser conhecido por fazer tiras ótimas, mas viver só disso não é quem faz de vez em quando, é quem posta todos os dias. Isso vem de uma tradição bem de jornal, assim Laerte, Angeli, Glauco, era diário. Então isso funciona pra você postar nas redes sociais, é diário, e são temas amplos também, que as pessoas se identifiquem. É... é complexo.

Jefferson: Não e ainda assim, eu falo mais dessa juventude que vem da ferramenta digital, que pega essa construção aí.

Rafael: Webtoons é muito interessante pra isso também.

Jefferson: É então, mas tava lembrando agora aqui... por exemplo você tava falando de tradição antiga de jornal e muito antes da democratização. Pensando em uma pessoa da periferia e vendo a condição hoje digital... aí me veio uma dupla que eu acredito que se da muito bem, pensando só em tira, só que eles ainda... eu não sei o quanto isso tem a ver de pagar conta real. Mas por exemplo lembrei agora da "Batatinha Fantasma". E eles tem que abrir... de vez em quando eles abrem lá ilustração...

Rafael: Comission?

Jefferson: É, comission e tal.

Rafael: Sim, muitos artistas abrem comission né em datas mais específicas.

Jefferson: Então, já não é quadrinhos.

Rafael: Já não é quadrinhos, é... você ta cobrindo com outra coisa.

Jefferson: Então não sei o quanto isso tá fazendo parte do orçamento real, sabe assim...

Rafael: Então ninguém abre comissão por hobby. Ninguém abre comissão por hobby. Artistas muito grandes que abrem comissão é porque eles têm com uma renda extra aí de fim de ano... sei lá.

Jefferson: Sim.

Rafael: Então só quadrinhos é bem complicado. Não é impossível, obviamente. Mas se você escreve e desenha, você tem que ampliar as possibilidades da sua escrita e do seu desenho. Pra trabalhar em outras coisas. Só quadrinhos de repente não tem mercado.

Jefferson: Outro exemplo disso, assim né mesmo não sabendo direito do que tá posto é... esqueci o nome dele... o parceiro da Priscila.

Rafael: O Leandro Assis.

Jefferson: O Leandro Assis. Então o cara construiu uma carreira... pessoa branca, foge desse lugar que a gente tá falando de periferia e tal.

Rafael: Do audiovisual também né.

Jefferson: É, ele construiu uma carreira antes com o audiovisual...

Rafael: Ilustração também.

Jefferson: em vários outros trabalhos de... de publicidade e tal. Que não tinha a ver com quadrinhos. Agora já, quase pensando num... tô, parando com isso quase me aposentando nessas outras coisas quero fazer quadrinhos até como... contar minhas histórias né o pessoal. Aí ele foi pra tira e... quadrinho online e...

Rafael: Deu super certo.

Jefferson: Deu muito certo, só que assim... ele coloca... eu falo do que ta exposto então ele montou um tempo atrás, alguns anos... catarse, financiava a produção dele. Então, tem uma base de público, então você consegue. Você vai viver fazendo

sua arte com o financiamento do público. Teve um período que tava muito... rolando muito o projeto deles... que tinham, sei lá, mais de... 15 mil mensal. Com o Catarse.

Rafael: O Catarse do livro do "Confinada" foi o mais bem sucedido até então, sabe.

Jefferson: Sim, mas falo assim, do financiamento mensal.

Rafael: Ah sim, ah sim, sim.

Jefferson: Então 15 mil mensal mais ou menos. Só que isso é...

Rafael: Não é constante.

Jefferson: É, não é uma constância. Aí eu vi recentemente esse financiamento recorrente dele tava 2 mil. Então não paga, não deve pagar aluguel.

Rafael: É já caiu... ele mora, ta morando em Portugal se não me engano né.

Jefferson: Então assim, só pra dar um exemplo de "bem sucedido"...

Rafael: Ou seja ele ainda gasta em euro. Ele ainda gasta em euro. Então... oscila. Tem muito brasileiro que tá fazendo quadrinho digital pela webtoons... mas você tem que fazer em inglês, aumentar o seu escopo então aí exigem outros conhecimentos na verdade né. Você não só precisa ter equipamento, né, você tem que ter uma internet de qualidade, você tem que saber inglês. Isso já vai dificultando várias coisas. Isso ainda é a elitização da... do, das possibilidades. "Ah, mas você quer você consegue", não é assim não cara. Não é meritocracia não, isso não existe não. É tudo muito mais difícil. "Ah mas existe possibilidade", sim. Vai dizer que não existe, existe. Mas é muito mais difícil... pra algumas pessoas e muito mais fáceis para outras pessoas. No momento só de quadrinhos cara... complexo.

Jefferson: Tem essa pergunta que você falou que é meio clichê mas, é... a cena engana muito...

Rafael: Porque tem tanta gente né você vê o *artist alley* da CCXP... 300 mesas. Cara... se 5 mesas ali vivem só de quadrinho, 100% de quadrinho eu acho ok, eu acho coerente. Acho coerente, aí eu acho coerente. Porque não é assim.

Vitor: É tá certo, muito obrigado gente.

Miguel: Muito obrigado gente, foi ótimo.

Vitor: Foi incrível.

Maria: Sim.